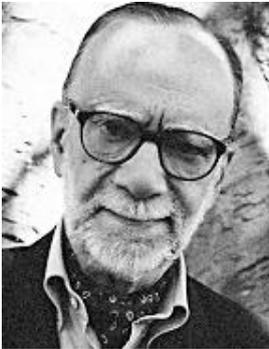


DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



FRANÇA, José-Augusto Rodrigues (Tomar, 1922)

José-Augusto França (JAF) nasceu em Tomar, numa família da pequena burguesia que articulava as origens rurais, os cargos modestos da administração pública e o comércio, actividade em que o pai haveria de singrar com considerável sucesso depois da instalação definitiva em Lisboa, quando JAF tinha poucos meses de idade. Influenciado pelo pai, adquiriu, desde cedo, o gosto pela leitura (romances, poesia e jornais), pelo teatro e cinema. Frequentou o Liceu Gil Vicente, à Graça e, nesses anos, habituou-se a calcorrear e amar Lisboa que virá a ser componente fundamental da sua obra. Frequentou a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras de Lisboa, ainda instalada no ex-Convento de Jesus (1941/45). Muito crítico em relação ao ensino ministrado, distinguiu, no corpo docente, Francisco Vieira de Almeida, professor de Filosofia. Nunca terminou o curso mas esse foi um tempo de intensa auto-formação e exercício da escrita e, brevemente, da pintura. A morte do pai, quando JAF tinha vinte anos, obrigou-o a dedicar-se aos negócios da família e a aceitar a possibilidade de carreira em Angola de que rapidamente desistiu mas, sobre essa experiência de um ano, escreveu o seu primeiro romance, *Natureza Morta*, publicado em 1949. A partir de 1946, já casado e apoiado pela família da mulher (Casa Leonel, ao Chiado), começou a viajar, Madrid primeiro e logo depois Paris. Nas duas décadas seguintes, desenvolveu actividades multidireccionais, escrevendo crítica de cinema e crítica de arte para o *Horizonte*, *Jornal das Artes*. Entre 1947 e 1949, foi um dos fundadores do Grupo Surrealista de Lisboa (com António Pedro, Fernando de Azevedo, Marcelino Vespeira, Fernando Lemos e outros) em convívio decisivo para definir alguns aspectos fundamentais da sua futura carreira: a opção pelo surrealismo como corrente determinante da arte do século XX que, no caso português, se opõe, em guerrilha permanente, ao Neo-Realismo. Na década de 1950, envolve-se em actividade editorial regular, co-dirigindo as segunda e terceira séries de *Cadernos de Poesia*, com Jorge de Sena, José Blanc de Portugal e Ruy Cinatti, dirigindo as revistas *Córnio*, (edição de autor, 5 números, 1951/56) e escrevendo com regularidade para o *Comércio do Porto* (1952/54).

Partiu para Paris como bolseiro do estado francês em 1959 (até 1962), tendo estudado com Pierre Francastel na École Pratique des Hautes Études. Obteve os graus de Doutor em História pela Universidade de Paris em 1962 (*Une Ville des Lumères: la Lisbonne de Pombal*) e de Doutor em Letras e Ciências Humanas pela mesma Universidade (*Le Romantisme au Portugal: Étude de Faits Socio-Culturels*).



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

A escrita regular para jornais e revistas manteve-se uma das actividades permanentes de JAF, sendo de destacar os “Folhetins Artísticos” no *Diário de Lisboa* (500 artigos entre 1968 e 1987); “Pintura e Não!” (integrada na revista *Arquitectura*, 7 números, 1969/1970), neste caso, no âmbito da reorganização da secção Portuguesa da A.I.C.A (Association Internationale des Critiques d’Art) de que foi eleito primeiro presidente; *Art d’Aujourd’hui* (1960/70); e *Colóquio/Artes* que dirigiu entre 1970 e 1996, e onde publicou centenas de artigos. Co-organizou, dirigiu e participou com numerosos artigos no *Dicionário da Pintura Universal*, Estúdios Cor, 1959/73. Fundou, com Fernando Lemos, a Galeria de Março (1952/54) em que apresentou numerosas exposições, nomeadamente o primeiro salão nacional consagrado à arte abstracta.

Depois da revolução de 25 de Abril de 1974, JAF iniciou uma profícua carreira docente, como professor catedrático da recém-criada Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa onde criou, a partir do zero, a formação especializada em História da Arte, ao nível de mestrado (o primeiro que existiu em Portugal, entre todas as áreas científicas) doutoramento e licenciatura. Orientou dezenas de dissertações e teses, de tal modo que um número considerável de historiadores da arte formados em Portugal desde então foram seus alunos.

Comissariou diversas exposições (Exposição Retrospectiva de António Carneiro, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973; *Os Anos 40 na Arte Portuguesa*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982; Exposição Retrospectiva de *José Malhoa*, Lisboa SNBA, 1983; *Soleil et Ombres: l’Art Portugaise du XIX ème siècle*, Musée du Petit Palais, Paris, e, depois, Palácio Nacional da Ajuda, 1987/88) sempre acompanhadas de catálogos ou da sua autoria exclusiva ou com colaboração especializada que são importantes referências da história da arte em Portugal. Foi presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – ICALP (1976-79) onde dirigiu a “Biblioteca Breve”, com cerca de 100 títulos. Dirigiu o Centro Cultural Português de Paris da Fundação C. Gulbenkian (1985-89) tendo ali realizado numerosos colóquios e exposições.

Desde 1972, instalou-se, durante grande parte do ano, em Jarzé, no Anjou (França), na casa familiar da sua segunda mulher, a historiadora de arte Marie Thérèse Mandroux, França e aí passou a residir permanentemente desde 2001. Em 1992, doou a sua colecção bibliográfica à Biblioteca da Fundação C. Gulbenkian; em 2004, doou parte da sua colecção de arte para a criação do Núcleo de Arte Contemporânea no Museu Municipal de Tomar que dirigiu até 2015; em 2005, doou o seu espólio literário à Biblioteca Nacional de Portugal. Membro da Academia Nacional de Belas-Artes (de que foi presidente) e da Academia de Ciências; recebeu as seguintes condecorações: Medalha de Honra da Cidade de Lisboa, 1992; Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (10 de Junho de 1991); Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública (10 de Novembro de 1992); Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique (30 de Janeiro de 2006).

O traço mais marcante da personalidade intelectual de JAF é a raríssima amplitude dos seus interesses, militantemente concretizados em obra que ultrapassa os cem livros e as muitas centenas de artigos, divididos, por ele mesmo, entre “história da cultura, história da arte, estudos olisipográficos, monografias, ensaios e ficção”. E embora seja no campo da História da Arte que tem maior reconhecimento, convém recordar que o



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

seu primeiro livro foi um notável romance (*Natureza Morta*, 1949). Nunca deixou de reafirmar que teve “imaginação de romancista” plenamente assumida depois da sua jubilação em 1992. Entre as obras de ficção sucessivamente publicadas, destacam-se *Buridan* (2002), *A Bela Angevina* (2005), *José e os Outros* (2006), *Ricardo Coração de Leão* (2007), *João sem Terra* (2008) e *A Guerra e a Paz* (2010). Refira-se também o registo memorialístico - *Memórias para o ano 2000* e *Memórias para após 2000*, este editado em 2012 – que constituem um manancial impressionante sobre a vida cultural portuguesa durante mais de 70 anos, naturalmente filtrado pela subjectividade do autor.

Em 1949, quando tinha 27 anos, publicou o opúsculo *Balanço das Actividades Surrealistas em Portugal*, em que dá conta das actividades do Grupo Surrealista de que fora um dos fundadores, o que significa que entra na História da Arte pela via da crítica da arte. Como é próprio deste domínio, o seu “balanço” é parcial (considerará sempre que os seus amigos pintores foram figuras determinantes da cena artística) e militante, contra a cultura do Estado Novo, mas também contra o Neo-Realismo, apoiado pelo Partido Comunista. Para ele, o cerne da arte era a imaginação que não podia ser posta ao serviço de programas políticos ou de militâncias ideológicas. Ao longo da década de 1950, densificou a sua reflexão sobre a arte contemporânea em Portugal, ainda a partir do seu compromisso com a arte do seu tempo: publicou, em 1957, o primeiro estudo sistemático sobre *Amadeo de Souza Cardoso*, que relançou a obra do pintor até então quase esquecido, considerando-o o único artista vanguardista português e, no âmbito das actividades da Galeria de Março, aproximou-se de muitos artistas, dos mais velhos (Almada ou Botelho, por exemplo) aos mais jovens. Em relação a estes, ampliando o entusiasmo pelo surrealismo da sua juventude, interessou-se especialmente pelos pintores do Abstraccionismo que passou a considerar o destino superior do Modernismo, de acordo com a teoria da arte internacional de então. Nesse tempo de grande criatividade, editou a revista *Córnio* (*Unicórnio*, *Bicórnio*, *Tricórnio*, *Tetracórnio* e *Pentacórnio*) em que, entre outros, participaram António Sérgio, Eduardo Lourenço e Jorge de Sena. Não se pode deixar de citar também o ensaio *Charles Chaplin. O Self-Made-Myth*, editado em Paris, 1957, que se inscreve na sua continuada paixão pelo cinema. Este percurso, eclético e abrangente, manifesta o desejo de entender o presente como mola propulsora da descoberta da História. Deste modo, quando, em 1959, se tornou bolseiro do estado francês para se dedicar plenamente à História da Arte, França estava auto-formado: a arte interessa enquanto facto de civilização e é a partir da produção contemporânea que se constroem os ciclos do passado. Como discípulo de Pierre Francastel (Paris, 1900-1970), o fundador da Sociologia da Arte, tornou-se Doutor em História em 1962, com o estudo *Une ville des lumières: la Lisbonne de Pombal*, obra fundadora da nova História da Arte Portuguesa, pelo rigor metodológico e o carácter inovador da tese: a “Lisboa de Pombal” era um corte epistemológico com a cidade antiga, em parte destruída pelo terramoto de 1755, e um facto artístico total que, quase inopinadamente, permitia a Portugal ocupar um prestigiado lugar na cultura internacional do Iluminismo. Em 1969, obterá o grau de Doutor em Letras com *Le romantisme au Portugal* onde afirma outros importantes vectores da sua *praxis*: a importância da literatura na cultura portuguesa, considerada indispensável para balizar os ciclos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

artísticos; a centralidade do século XIX para compreender os fracassos do século XX; a exaustividade da investigação centrada em factos e personalidades maiores de pintores, escultores e arquitectos. Paralelamente a este percurso académico, JAF continuou a escrever crítica da arte em *L'Art d'Aujourd'hui* o que lhe exigiu ver exposições, conhecer artistas e tomar partido, activando uma escrita cada vez mais ágil e arguta que vivificou a reflexão académica. Esta sólida tessitura entre História e Crítica manifestou-se também no brilhantismo com que dirigiu a revista da Fundação Calouste Gulbenkian, *Colóquio Artes* (1971-1997): sobretudo na sua primeira década, ela foi o repositório das dinâmicas da arte contemporânea em Portugal, especialmente da pintura e escultura. À volta desta revista - articulada também com a criação da AICA portuguesa, e com a promoção de importantes exposições - França impulsionou a carreira de alguns artistas (Noronha da Costa e Joaquim Rodrigo, por exemplo) e rodeou-se dos seus primeiros discípulos, sobretudo Rui Mário Gonçalves e Fernando Pernes, além da cumplicidade antiga com Fernando de Azevedo que, a par da actividade de crítico de arte, continuou a ser um dos pintores que França mais amou. É neste ciclo de relacionamentos, que, ainda nos anos 60, realizou, na SNBA, um primeiro curso de conferências sobre "História da Arte Ocidental e Portuguesa", coincidindo com a preparação da monumental *Arte portuguesa no século XIX*, 1967. Esta continua a ser obra de referência na academia e entre os públicos interessados, estimulando, através do seu inesgotável levantamento de fontes impressas, o aprofundamento de estudos e redireccionamentos da pesquisa.

Estrangeirado típico, vivendo uma relação de amor sobressaltado com a pátria, França elaborou uma complexa narrativa da arte portuguesa que destaca as tímidas e insuficientes aproximações à centralidade parisiense, mas também a eclosão de uma espécie de génio nacional que valorizou em Domingos Sequeira, Columbano Bordalo Pinheiro, Amadeo de Souza Cardoso e, especialmente, Almada Negreiros. Quando aconteceu a revolução de 25 de Abril de 1974, França estava a pensar tornar-se investigador do prestigiado CNRC (Centre National de la Recherche Scientifique) mas aceitaria o desafio para integrar o corpo docente da Universidade Nova de Lisboa, criada em 1973. Entrou como Professor Catedrático, dedicando parte substancial da sua lendária capacidade de trabalho a criar de raiz o moderno ensino de História da Arte. Até 1992, quando, aos 70 anos, se jubilou, JAF tinha cumprido e ultrapassado o seu desígnio: na FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas) formaram-se dezenas de mestres em História da Arte Contemporânea, mas também noutras cronologias, uma vez que - com a colaboração de Artur Nobre de Gusmão, João Manuel Bairrão Oleiro e José Eduardo Horta Correia - foram criadas todas "as áreas da especialização", marca identitária da História da Arte da Universidade Nova de Lisboa que se manteve. Foi JAF que conduziu esta revolução num sector até então marginalizado, estimulador das dinâmicas entretanto criadas nas universidades do Porto e de Coimbra e na Faculdade de Letras de Lisboa, numa profícua circulação de colaborações. França foi um professor exigente nas aulas e na orientação de dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutoramento mas nunca lhe faltou tempo para investigar e publicar com eficácia imbatível. Após *A arte em Portugal no século XIX*, começou a preparar *A arte em Portugal no*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

século XX (até à década de 1960), com uma metodologia idêntica de trabalho, centrada na produção lisboeta e em fontes impressas. Foi a primeira vez, em Portugal, que se elegeu “a década” como critério pertinente de arrumação cronológica, apropriando modelos internacionais, vindos da crítica da arte e da museologia. Tal como fizera em relação ao século XIX, o estudo amplo dos contextos culturais centralizou-se em figuras chave: os principais pintores, escultores e arquitectos que tinham em comum o desejo de modernidade. O dispositivo montado densificou obras anteriores (de Diogo de Macedo e de Carlos Queirós, por exemplo), propondo uma linha direcional que, numa ascensão vanguardista, vai da figuração à abstracção e, em geral, da Academia ao Modernismo. Esta foi a visão internacional do tempo e, por isso, a obra de JAF, para lá do manancial de sugestões que continua a proporcionar, conquistou ela própria o direito à História, exigindo, aos especialistas, uma desafiante hermenêutica. Não sendo possível enumerar todas direcções de pesquisa, não pode deixar de citar-se o monumental *Rafael Bordalo Pinheiro* (1981) e as monografias sobre António Carneiro, Columbano Bordalo Pinheiro, José Malhoa e Almada Negreiros, bem como o permanente regresso a Amadeo de Souza Cardoso e Vieira da Silva de que foi então o mais arguto historiador. Mas há que juntar textos fundamentais, de grande abrangência temática e cronológica, recolhidos em *Cem exposições* (1982) e *Quinhentos folhetins* (2 vol.s, 1984-1993). Regressou aos estudos sobre Lisboa inúmeras vezes, até *Lisboa: história física e moral*, 2008, em que propõe uma história global da cidade, desde os primórdios a meados do século XX.

Nesta vastíssima produção (que, a partir dos anos de 1990, conhecerá várias reedições, por vezes reactualizadas) JAF continuou a praticar uma História da Arte profundamente comprometida com a conceptualização da Sociologia da Arte, influenciada por Francastel mas progressivamente autonomizada numa teorização “franciana”: a história da arte exige metodologias próprias de trabalho em que distingue a indispensabilidade da análise formal e a consciência estética como marcas próprias e diversas de outros domínios da História. Dito de outra maneira e usando os conceitos que lhe foram mais caros, ele definiu três níveis de trabalho do historiador: o estudo dos «factos artísticos», a sua valorização como «factos sociais» e a sua tessitura em contextos mais amplos que designa por «vida artística». Ou nas suas próprias palavras: “Uma leitura estética fundada numa consciência «gestáltica» e uma integração sociocultural tendo por eixo um processo estruturalizante, quer dizer dinâmico e global, assim se impõem como condições do conhecimento da obra de arte nas suas relações dialécticas com a sociedade ao mesmo tempo determinante de tais valores e por ela determinada. A sobreposição desta leitura e desta integração, em relações de dosagem mutável, poderá definir, em conclusão, o método historiográfico que aqui se propõe”. (FRANÇA, 1997: 101). O traço mais relevante deste procedimento encontra-se na convicção de que o conhecimento, estudo e valorização da arte contemporânea é um veículo fundamental para se entender os ciclos artísticos do passado. Esta é uma posição de ruptura em relação às práticas anteriores da história da arte em Portugal que, sistematicamente, ignoraram ou não compreenderam, a arte do século XX, e é o acto inaugural de um novo ciclo historiográfico relacionada com a valorização do “presente” na epistemologia das ciências sociais.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Manifesta também uma atitude política em relação a uma visão e prática da história centrada nos “períodos nobres” fossem eles a Idade Média ou a aurora da Idade Moderna, em que a história da arte em Portugal predominantemente se situara. JAF foi sempre um homem de oposição ao Estado Novo, inscreveu-se no Partido Socialista depois do 25 de Abril e, embora nunca tenha sido um militante activo, foi um cidadão de confrontos e de causas, defendendo a urgência de uma cultura contemporânea, sintonizada com os valores mais dinâmicos das grandes cidades europeias, mas também a obrigação de defender e valorizar a memória e os patrimónios. Esta atitude, com deliberada postura ética, afirmou-a sobretudo em Lisboa, em diversas iniciativas que envolveram a investigação, a escrita académica e de divulgação, algumas exposições e uma colaboração regular com a Câmara Municipal de Lisboa para defender e proteger a arquitectura oitocentista e primo-novecentista, quando ela era ainda objecto de sistemático desinteresse.

Na juventude, entre os anos de 1940 e 1950, JAF envolveu-se em diversas polémicas que permitem compreender melhor os seus princípios e a prática deles decorrente. Foi, primeiro, a cisão interna do Grupo Surrealista entre o seu próprio grupo (com António Pedro, Fernando Azevedo e Vespeira) e outro, protagonizado por Mário Cesariny; este, até ao final da sua vida, considerará França um falso surrealista que impusera uma historicização subjectiva a um movimento que tinha o seu cerne na liberdade das vivências e das práticas artísticas. Simultaneamente, JAF confrontou o Neo-Realismo, especialmente as posições radicais do então jovem pintor Júlio Pomar contra a arte abstracta, considerada um desvio em relação à responsabilidade da cultura na afirmação e representação do povo trabalhador. Mais tarde, nomeadamente na sequência da exposição *Os anos quarenta na arte portuguesa* (Fundação Calouste Gulbenkian, 1982) foi confrontado por Fernando Guedes que inequivocamente demonstrou que JAF subsumia o facto de que a arte abstracta se iniciara, ainda nos anos de 1940, no Porto (no âmbito das Exposições Independentes e da obra pictórica de Fernando Lanhas) e não em Lisboa, como o historiador sempre teimou em manter, defendendo a prevalência dos seus amigos artistas que, no início dos anos de 1950, transitaram do Surrealismo para a Abstracção.

A partir da década de 1980, e especialmente já na viragem do século XX para o século XXI, outros aspectos da obra franciana começaram a ser revistos ou contestados. Em relação à sua obra inaugural, *Lisboa pombalina e o Iluminismo*, novos historiadores da arquitectura e do urbanismo (por exemplo Walter Rossa, discípulo de José Eduardo Horta Correia), sem porem em causa as qualidades fundadoras da investigação, provaram que os planos pombalinos da reconstrução da cidade não foram um ruptura com o passado mas a continuidade e transmutação de práticas arquitectónicas e de “fazer cidade” que recuavam ao século XVI e se haviam afirmado na construção das cidades do império português. Quanto ao tratamento da arte dos séculos XIX e XX, têm vindo a ser confrontadas algumas linhas direccionais que JAF partilhou com os mestres que o formaram e com quem conviveu: a superioridade da cultura artística europeia, gerada, desde o Renascimento, por uma sucessão de vanguardas, centralizadas em Roma e depois, definitivamente, em Paris; a prevalência das “Belas-Artes” (ou seja da Arquitectura, da Pintura e da Escultura) sobre as Artes



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Decorativas cujas artesanias e valores decorativos seriam predominantemente conservadores; a dependência das artes dos países periféricos em relação aos grandes centros, o que, no caso português, conduziu a menosprezar outras dinâmicas de trocas culturais e a desvalorizar os artistas (na verdade quase todos) que não obtiveram reconhecimento internacional; a desatenção a relevantes aspectos da autonomia da cultura portuense em relação à de Lisboa; uma visão excessivamente pessimista dos adquiridos da arte em Portugal, mantendo a atitude catastrofista da Geração de (18)70 que muito admirava. No entanto, a crítica, por vezes contundente de que a obra de JAF tem sido objecto não põe em causa a excepcionalidade do seu percurso e da sua obra, fundadoras da histórica da arte do século XX em Portugal.

Bibliografia activa (selecção): *Amadeo de Souza-Cardoso*. Lisboa: Editorial Sul, 1955 (2.^a ed.: Lisboa: Inquérito, 1972); *Une Ville des Lumières: la Lisbonne de Pombal*. Paris 1965. Tradução em português: *Lisboa Pombalina e o Iluminismo* (1.^a ed. 1965; 2.^a ed. 1978; 3.^a ed. 1988); tradução em italiano: *Una città dell'Illuminismo, La Lisbonna del Marchese di Pombal*; Roma Officina Edizioni, 1972; *Le romantisme au Portugal: étude de faits socio-culturels*. Paris, Klincksieck, 1975. Tradução em português, 1975); *A Arte em Portugal no Século XIX*. Lisboa: Bertrand, 1967 (2.^a ed. 1981; 3.^a ed. 1990); *A Arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand, 1974 (2.^a ed. 1985; 3.^a ed. 1991); *Almada Negreiros: o Português sem Mestre*. Lisboa: Bertrand, 1974 (2.^a ed. 1986); *Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual*. Lisboa: Bertrand, 1981 (2.^a ed. 1982); *Malhoa, o Português dos Portugueses & Columbano, o Português sem Portugueses: precedido de nota sobre outras maneiras de ser português, todas referidas a artistas plásticos*. Lisboa: Bertrand, 1987; *Os anos 20 em Portugal: estudo de factos socio-culturais*. Lisboa, Presença, 1992; *(In)definições de Cultura*. Lisboa: Presença, 1997; *Lisboa, História Física e Moral*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

Bibliografia passiva (selecção): AA.VV., *Exposição da doação de arquivos e documentos sobre arte contemporânea e obras publicadas em volumes periódicos e catálogos por José-Augusto França*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Centro de Arte Moderna. Departamento de Documentação e Pesquisa, 1992; ALVES, Margarida Brito, *A Revista Colóquio/Artes*. Lisboa, Colibri, 2007. CRUA, Catarina. "Revistas Córnio: Modernidade e Discurso Crítico na Cultura Portuguesa da Primeira Metade do Século XX." Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação: Comunicação e Artes. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2011; GUEDES, Fernando, *Estudos sobre artes plásticas. Os anos 40 em Portugal e outros estudos*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984; LEAL, Joana Cunha, "Sintomas de 'regionalismo crítico': sobre o decorativismo na pintura de Amadeo de Souza-Cardoso", in *Arbor. Revista de Ciencia, Pensamiento y Cultura*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2012; LOURENÇO, Eduardo, "José-Augusto França e a Sociologia da Arte em Portugal" in *Colóquio-Artes*, nº 47. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1968, p. 49-52; PINHARANDA, João, *O Modernismo I*. Vol. 18 de *A Arte Portuguesa — Da Pré-História ao Século XX*. Vila Nova de Gaia: Fubu Editores, 2009; SALGUEIRO, Ana



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Rita, “A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961). José-Augusto França e a Perspectiva Sociológica”. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012; SANTOS, Mariana Pinto dos, “O legado de José-Augusto França na escrita da História da Arte em Portugal: caracterização crítica do cânone e de exemplos da sua persistência”, in *Práticas da História*, nº 1, 2015, p. 61-88.

Raquel Henriques da Silva